

## **A questão dos caracteres em *Ressurreição* (1872), de Machado de Assis**

*Ana Carolina Sá Teles*

### **Resumo**

Nesta comunicação apresento o estágio atual da Pesquisa de Doutorado em andamento “Entre caráter e diferença: personagens machadianas em *Ressurreição*, *Helena* e *Dom Casmurro*” (FAPESP/CNPq), orientada pelo Prof. Dr. Hélio de Seixas Guimarães. O estudo analisa as personagens machadianas segundo traços subjacentes à obra, como um leque de personagens que vai da tipicidade à diferença. Desde *Ressurreição* (1872), Machado de Assis declara na Advertência: “Não quis fazer romance de costumes; tentei o esboço de uma situação e o contraste de dois caracteres” (2008, p. 236). Portanto, este primeiro romance se desdobra a partir do mote shakespeariano sobre a dúvida subjetiva e da dinâmica do contraste entre os caracteres. Para a análise, contamos com a investigação de uma seleção da correspondência e dos textos de crítica de autoria de Machado de Assis que enfatizam a noção de caracteres nas décadas de 1860 e 1870. Parte-se dos modos de representação de caracteres numa rede textual que envolve Aristóteles, Teofrasto e Thomas Overburry, entre outras referências, para melhor compreender a proposta machadiana de retomada do costume retórico dos caracteres em seu romance de estreia. Avalia-se igualmente o peso dessa escolha no romance, que é apropriada de forma singular pela obra machadiana, dando ênfase ao estudo moral e psicológico das personagens como eixo estruturador da narrativa. Observa-se também o quanto a mobilização da técnica dos caracteres para a figuração das personagens ajuda a compor uma visada própria do narrador do romance não apenas quanto ao delineamento das personagens, mas também quanto à sociedade que narra. A partir do trabalho com os caracteres, o narrador exhibe um tom de suspeita e constrói dispositivos irônicos que sutilmente propõem uma crítica da sociedade narrada.

### **Palavras-chave**

romance; século 19; personagem; caracteres; moral

---

<sup>1</sup> Doutoranda na Universidade de São Paulo, com bolsa da Fapesp. E-mail: anacarolinateles2009@gmail.com.

Esta comunicação faz parte do Projeto de Doutorado em andamento “Entre caráter e diferença: personagens machadianas em *Ressurreição*, *Helena* e *Dom Casmurro*” (Fapesp/CNPq), orientado pelo Prof. Dr. Hélio de Seixas Guimarães desde 2014. Um dos objetivos do Projeto é analisar uma teoria das personagens que se encontra subjacente à obra de Machado de Assis, contemplando o problema de sua diversidade. Ou seja, as personagens machadianas abrem-se num leque que vai desde a personagem de figuração “típica, pesadamente típica”, conforme a expressão de Alfredo Bosi (2007, p. 59), até a personagem que se destaca de seu contexto por meio de uma figuração que exhibe um estudo psicológico particularizado ou descentrado.

No momento, estamos analisando como a composição das personagens é desenvolvida no primeiro romance do autor, *Ressurreição* (1872). Nesse livro, a questão dos caracteres é central, portanto, partimos dela para desenvolver a investigação. Para mensurarmos a importância da questão dos caracteres, podemos citar que ela é apresentada como motor do romance por Machado de Assis, desde o início. Igualmente, por meio da observação da instância do narrador, percebemos que os problemas da trama se desenvolvem tendo como eixo central a dinâmica dos caracteres.

No prólogo de *Ressurreição*, o autor faz pontuações fundamentais, que funcionam como orientação para críticos e leitores. O prólogo se intitula “Advertência da primeira edição” e inicia com um apelo que pauta regras próprias na avaliação da estreia de Machado no gênero. Desde este prólogo machadiano, existem alguns dispositivos irônicos, como se nota, por exemplo, na abertura: “Não sei o que deva pensar deste livro; ignoro sobretudo o que dele pensará o leitor” (ASSIS, 2008, p. 235). Ou seja, a abertura contrasta com dois fatos: o de que autor apresenta no prefácio a maneira como gostaria de ser recebido pela crítica; e o de que o narrador manipula não apenas as expectativas do leitor, mas também as direções interpretativas que este deve tomar, ao longo da narrativa.

Observa-se que motivos que continuariam a ser desenvolvidos pela ficção tardia de Machado de Assis já marcam presença nas décadas iniciais de 1860 e 1870

como, por exemplo, a crítica lisonjeira que atua numa espécie de comércio de imagens (em especial, no contexto fluminense) e que não deixa de estar presente no prefácio de *Ressurreição*. Segundo esse comércio de imagens, a aparência elogiosa prevalece sobre a análise produtiva. No prólogo o autor cita a crítica que apenas agrada ao autor, criando, assim, um “verniz de celebridade” (ASSIS, 2008, p. 235), com más consequências para sua formação.

Ao mesmo tempo, a caracterização do prólogo machadiano desenha (por contraste) uma prévia dos modos de caracterização das personagens de *Ressurreição*. Notemos que o protagonista do romance, Félix, é um caráter estéril, com um espírito que tinha “duas faces”: “uma natural e espontânea” e “outra calculada e sistemática” (ASSIS, 2008, p. 237). Ou seja, ele não era “igual a si mesmo” (ASSIS, 2008, p. 237). Semelhantemente, os prólogos que Machado de Assis critica na “Advertência” são aqueles que têm falsa modéstia, por um lado, e grande ambição, por outro. “Eu fujo e benzo-me três vezes quando encaro alguns desses prefácios contritos e singelos, que trazem os olhos no pó da sua humildade, e o coração nos píncaros da ambição” (ASSIS, 2008, p. 235). Além disso, Machado arremata: “Ora pois, eu atrevo-me a dizer à boa e sisuda crítica, que este prólogo não se parece com esses prólogos” (ASSIS, 2008, p. 235).

Dessa forma, o emprego da técnica do caráter e a maneira de caracterização por contrastes estão presentes desde a “Advertência”. Nela Machado de Assis caracteriza dois tipos de crítica de seu tempo, um tipo de prólogo de seu contexto e, por contraste, desenha seu próprio prefácio como sendo diferente. Paralelamente, os temas abordados na “Advertência” em torno do processo de criação e de circulação literária guardam afinidade com os temas dramatizados pela narrativa de *Ressurreição*. Ou seja, Machado de Assis tematiza o problema da confiança “pérfida e cega” do escritor, enquanto defende que um mínimo de confiança é “indispensável a todo o homem” (2008, p. 235). Conforme analisa Amanda Rios Herane, o embate entre a necessidade de confiar e a esterilidade da confiança ou da desconfiança demasiada no âmbito específico do casamento seria uma das lições moralizantes de *Ressurreição* (HERANE, 2011, p. 51).

Por fim, Machado explicita o tema da narrativa:

Minha ideia ao escrever este livro foi por em ação aquele pensamento de Shakespeare:

*Our doubts are traitors,  
And make us lose the good we oft might win,  
By fearing to attempt.*

Não quis fazer romance de costumes; tentei o esboço de uma situação e o contraste de dois caracteres; com esses simples elementos busquei o interesse do livro. (ASSIS, 2008, p. 236)

O que se observa em *Ressurreição*, portanto, é um esquema bem arranjado de caracteres. Existe o contraste – quase simétrico – entre caracteres, mas há também os contrastes internos a uma só personagem. Dessa forma, o livro propõe um estudo psicológico, especialmente no que diz respeito ao protagonista Félix. Como citado, ele é um caráter débil (porque desconfiado) e um caráter complexo (porque dúbio e instável). Félix é a personagem que endossa o mote shakespeariano de que se perde o bem pelo receio de tentar. Assim, não são agentes externos que frustram o sucesso dele com seu par romântico, Lívia, mas antes ele próprio se sabota em função do caráter, que contém desvãos morais e subjetivos expressos por meio do ciúme e da desconfiança.

Como se pode ler em Ubiratan Machado (2003), Hélio de Seixas Guimarães (2004) e Amanda Rios Herane (2011), a recepção coeva do romance teve muitas reservas em relação a ele. Segundo Guimarães, a recepção contemporânea ao autor pode ser compreendida na medida em que o livro evocou os paradigmas do projeto romântico, mas com o fim de frustrá-los (2003, p. 127). Portanto, eu gostaria de abordar o problema que advém do deslocamento operado por *Ressurreição*, ao preterir o modelo de “romance de costumes”, preferindo ao estudo moral e psicológico dos caracteres, desenvolvido na composição das personagens.

Na apresentação do II SPPGLB, analiso como *Ressurreição* se estrutura por meio do exercício da técnica retórica do caráter (caracteres) (TEIXEIRA, 2010), que remete a Aristóteles, Teofrasto e Thomas Overburry, entre outros, com implicação na

análise moral e psicológica das personagens. Igualmente, avalio o impacto dessas escolhas, segundo uma visão ampla da obra machadiana, que considere a ênfase que o autor deu à noção de caráter e ao estudo moral e psicológico das personagens nas décadas 1860 e 1870. Essa visão se estabelece por meio do recorte orientado da correspondência e da crítica literária de autoria de Machado de Assis no período referido. Por fim, avalia-se o impacto que essas escolhas têm, considerando-se o contexto de publicação do romance. Propõe-se um questionamento sobre como o trabalho da narrativa com o costume retórico dos caracteres é estruturadora na composição das personagens, mas também auxilia na composição de um narrador cujo tom lança suspeitas e dispositivos irônicos na narrativa, com potencial crítico quanto à sociedade narrada.

## **Referências bibliográficas**

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Edusp, Nankin, 2004.

HERANE, Amanda. *Memória das ilusões: um estudo de Ressurreição, primeiro romance de Machado de Assis*. São Paulo, 2011, 119 f. Dissertação (Mestrado) – FFLCH-USP, São Paulo, 2011.

MACHADO, Ubiratan (Org.). *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.